
1

Tinham os ombros curvos e a cabeça baixa de quem está de luto, as sombrias criaturas do tamanho de crianças agachadas no acostamento da estrada em declive. Também olhavam todas na mesma direção, como se venerassem em silêncio o poente sujo e apagado do outro lado da cidade sagrada. Imóveis na beirada do despenhadeiro, estavam a muitos quilômetros da cidade e do largo rio chapado que serpenteava rumo ao lusco-fusco, com o sol cada vez mais cinzento a se dissolver em uma gigantesca torre de pó que parecia uma barreira de nuvens. As lâmpadas lá embaixo já haviam sido acesas, e, na escuridão, a cidade ao longe se estendia como um corte de veludo com algumas partes franzidas, bordado com fios de ouro. O que seria aquilo que estavam vendo? A luz diminuiu, foi ficando mais fria, e as criaturas se mexeram.

— São quase humanos — disse Audie Blunden, olhando mais de perto e vendo a pelagem emaranhada.

Com um guincho que parecia um tossido carregado, o maior dos macacos levantou o rabo enrolado, abaixou os braços e lançou-se para a frente apoiado nas mãos. Os outros, caminhando sobre patas dianteiras menores, foram atrás do primeiro, com os rabos balançando; e a distinta simetria do acostamento desapareceu sob os corpos em movimento à medida que o numeroso bando de macacos foi subindo a estrada e a encosta que a margeava em direção às árvores peladas na borda da mata.

— Eles me dão medo — disse Beth Blunden, e, embora o macaco mais próximo estivesse a mais de cinco metros de distância, pôde sentir o roçar de seu pêlo sujo na pele nua do braço.

Teve uma vívida lembrança do babuíno no Quênia que aparecera perto de onde ela estava dormindo, debaixo das árvores cheias de espinhos, rugindo feito um demônio, com a boca escancarada repleta de dentes parecendo os de um cão. O bicho

havia atacado o cachorro do guia, um manso labrador, mordido seu traseiro e aberto uma ferida até o osso antes de ser afugentado a golpes de porrete pelo africano ensandecido. Fora outra de suas viagens.

— Detesto primatas — disse Beth.

— São macacos.

— É a mesma coisa.

— Não é, não. Os primatas são mais parecidos com a gente — disse Audie e, no escuro, cutucou discretamente o nariz. Seria o ar seco?

— Acho que é o contrário.

Mas Beth não tinha escutado. Ele ficou olhando o crepúsculo cada vez mais cerrado.

— Incrível — disse em um sussurro. — Acho que eles estavam admirando o pôr do sol, aproveitando o calor dos últimos raios.

— Feito a gente — disse ela.

E Beth o encarou fixamente, não por causa do que ele tinha dito, mas pelo modo como tinha dito. Parecera tão pomposo ao fazer aquela simples observação. Os dois viajavam bastante, e ela já havia percebido como a viagem muitas vezes tornava pretensioso aquele homem habitualmente direto.

Estavam no sopé de um cume baixo, uma das montanhas na base da cordilheira do Himalaia, acima da cidade sagrada. Em dias claros, mais para o alto da encosta em relação ao lugar onde estavam hospedados — um spa chamado Agni —, podiam ver picos nevados. Tinham vindo a Agni por motivo de saúde e planejado ficar uma semana. A semana passou depressa. Ficaram mais uma, e agora iam renovando a estadia semanalmente, dizendo a si mesmos que iriam embora quando sentissem vontade. Eram viajantes do mundo, mas nunca tinham visto nada parecido com aquilo.

A fila de macacos continuou a subir a estrada em passo acelerado, dando pulinhos e arrastando as patas traseiras, com o grande e altivo macaco-líder na dianteira, guinchando de vez em quando com seu jeito severo e parecido com tosse.

— Boa noite.

Um homem surgiu na estrada iluminada pelo lusco-fusco, afastando-se para deixar passar os macacos. Os Blunden não ficaram surpresos. Suas três semanas os haviam preparado

para aquilo. Não tinham visto muita coisa da Índia, mas sabiam que, toda vez que haviam hesitado em algum lugar, parecendo intrigados ou mesmo pensativos, um indiano aparecera para dar explicações, em geral um velho, um pedante com a cabeça balançando, cheio de informações urgentes e irrelevantes. Aquele ali usava uma camisa branca, casaco e xale grossos, calças largas, e calçava sandálias. Óculos grandes de armação de chifre deformavam seus olhos.

— Vejo que estão observando nossos macacos.

Assim como os outros explicadores, aquele também resumiu com precisão o que eles estavam fazendo.

— Não se espantem — continuou o homem.

Era verdade: eles haviam ficado mesmo espantados.

— Eles se reúnem aqui todas as noites. Ficam absorvendo com os corpos o que resta de calor. — Tinha um jeito voluptuoso e ligeiramente ávido de dizer “corpos”, dando consistência à palavra.

— Foi o que imaginei — disse Audie. — Foi o que disse à minha mulher... não foi, Beth?

— Também ficam olhando a fumaça e o fogo dos templos da cidade.

Essa era outra coisa que eles já haviam aprendido. Indianos assim nunca escutavam. Faziam um monólogo, em geral informativo, mas estranhamente desprovido de ênfase, como se estivessem recitando alguma coisa, e não pareciam interessados em nada que os Blunden tivessem a dizer.

— Que templo? Que cidade? — perguntaram os Blunden em unísono.

O indiano apontou para a escuridão.

— Quando o sol baixa, os macacos vão embora depressa, vejam, para as árvores onde irão passar a noite, em segurança. Aqui tem leopardos. Não um, nem dois, mas muitos. Os macacos são seu alimento.

“Alimento” era outra palavra deliciosa, como “corpo”, que o homem enunciava como se constituísse uma tentação, atribuindo-lhe a densidade fibrosa e o desejo de algo proibido. Mas não havia respondido à pergunta deles.

— Tem leopardos aqui na Colina dos Macacos? — perguntou Audie.

O velho pareceu fazer uma careta de reprovação, mas Audie imaginou que fosse por ele ter dito “Colina dos Macacos” — embora fosse assim que a maioria das pessoas chamasse o lugar, e esse fosse mais fácil de lembrar do que seu nome indiano.

— As pessoas acreditam que Hanuman Giri é o lugar exato onde o deus-macaco Hanuman veio colher ervas e plantas medicinais da montanha para trazer de volta à vida o irmão de Rama, Lakshman.

Sim, era isso, Hanuman Giri. No início, haviam pensado que o homem estivesse respondendo à sua pergunta sobre os leopardos, mas que história era aquela de ervas?

— Como as que se pode encontrar em Ramayana — disse o indiano e apontou com a mão ossuda. — Ali, estão vendo alguma montanha depois daquelas poucas árvores? — Não esperou resposta. — Nada disso. Ali tem um espaço vazio onde antes ficava a montanha. Agora é uma cidade e um templo. Um santuário, por assim dizer.

— Ninguém falou em templo nenhum.

— Já foi uma mesquita muçulmana, construída cinco séculos atrás, na era Mughal, no mesmo lugar do templo de Hanuman. Há dez anos houve problemas, a mesquita foi invadida, incendiada. Os macacos ficam daqui observando as idas e vindas, para lá e para cá.

— Estou com dor de cabeça — disse Beth, pensando na pronúncia esquisita do homem.

— Há muitos anos — disse o indiano, como se a Sra. Blunden não houvesse dito nada (será que ele era surdo? será que alguma coisa que dizia era interessante?) —, eu me perdi na floresta a uns três ou quatro vales daqui, para os lados de Balgiri. O dia estava adiantado, era de tarde e era inverno, e a noite estava chegando. Vi um grupo de macacos, e eles pareciam perceber que eu estava perdido. Eu usava roupas leves, despreparado para os rigores da noite fria. Um dos macacos pareceu acenar para mim. Ele foi na frente, eu fui atrás. Ia fazendo ruídos, talvez para me tranquilizar. No alto de uma encosta íngreme, vi o caminho certo à minha frente. Isso me salvou. Hanuman me salvou, então eu venero a sua imagem.

— O deus-macaco — disse Beth.

— Hanuman é uma divindade em forma de macaco, assim como Ganesha tem a forma de um elefante, e Naga de uma cobra — disse o indiano. — Com licença, mas de onde os senhores são?

— Somos americanos — disse Beth, satisfeita por ele ter finalmente perguntado.

— Aqui há muitas maravilhas — falou o indiano, sem se impressionar com o que acabara de ouvir. — Vocês poderiam passar a vida inteira aqui e mesmo assim não ver tudo.

— Estamos lá em cima, em Agni — disse Audie. — No spa. Só descemos aqui para ver o pôr do sol.

— Como os macacos.

O indiano não estava escutando. Estava olhando com uma expressão reprovadora para o vale que havia descrito, onde a montanha fora removida.

— Quantos anos acham que eu tenho? — perguntou ele. — Nunca vão adivinhar.

— Setenta e tantos.

— Tenho oitenta e três anos. Faço uma hora de meditação e ioga todo dia de manhã. Nunca provei carne nem bebida alcoólica. Agora vou para casa comer um pouco de *dhal*, pão *puri* e coalhada, e só.

— Onde o senhor mora?

— Aqui mesmo. Em Hanuman Nagar.

— É a sua aldeia?

O velho soltou uma explosão de informações.

— A cidadezinha de Hanuman Nagar é bastante grande, tem um mercado, uma tecelagem e várias esferas de empreendimentos comerciais, incluindo fundições de ferro, cerâmicas, olarias que fabricam telhas, fornos de cerâmica e de esmaltados.

— Ninguém falou em nenhuma cidade — disse Audie.

— Tem também árvores frutíferas e que dão nozes. Eu mesmo vendo nozes no atacado. E tem também, como eu disse, o santuário de Hanuman. Um templo antigo. Boa noite para os senhores.

Com isso, sumiu na escuridão. Os Blunden foram subindo a estrada na direção oposta, comentando sobre a atitude ativa do velho, sua arrogância e pedantismo. Era bem fácil zombar dele, mas o velho havia lhes contado muitas coisas que não sabiam: a

existência da cidade, suas indústrias, a história de Hanuman, do templo. Era ligeiramente ridículo, mas não se podia caçar dele — ele era real. O lugar que eles antes pensavam ser apenas a Colina dos Macacos tinha uma história, e emoção, um nome indiano, e agora, naquela encosta mais baixa, um povoado vizinho.

— Você entendeu o que ele disse sobre a mesquita e o templo?

Audie deu de ombros e disse:

— Beth, basta deixar esses indianos começarem a falar para eles transformarem qualquer coisa em uma história mirabolante.

Quando subiram a estrada de volta para o spa, tiveram uma surpresa. Passaram por um portão largo. Tinham visto o portão ao descer, mas não as placas: *Proibida a entrada exceto de hóspedes registrados, Entrada proibida, Somente veículos autorizados*.

— Isso é para você! — disse Audie, sacudindo o dedo no escuro. — Pode ir tirando o seu corpinho daqui!

— Não tem graça, Butch — Beth disse e deu uma risadinha, porque estava escuro e eles estavam na Índia, naquela estrada deserta, sozinhos, com os narizes cheios de poeira, uma vaga sensação de fumaça no ar, cheiro de esterco de vaca queimado, uma encosta pedregosa, e ele ali fazendo piada, sendo bobo. Esse comportamento indisciplinado geralmente a reconfortava, fora isso que a fizera amar o marido, e, durante os mais de trinta anos de seu casamento, havia considerado aquilo uma forma de proteção. Sentia-se segura com o senso de humor dele.

Do outro lado do portão, viram as luzes do spa e de Agni em si, a antiga residência do marajá, uma mansão aristocrática, e, em meio ao bosque de bambus, os prédios do spa, a piscina, as palmeiras, o pavilhão de ioga, vários spots de luz cintilando, ocupando o cume do morro que lhes haviam informado ser a Colina dos Macacos, embora o lugar tivesse também um nome indiano, o nome que o velho havia usado e do qual não conseguiam se lembrar.

Funcionários com quem cruzavam pelo caminho uniam as mãos em gesto de prece e diziam *namaste* ou *namaskar*, e al-

guns dos tibetanos, em um gesto bonito, levavam a mão direita ao coração. O Sr. Blunden retribuiu com o mesmo gesto e se descobriu comovido por ele.

Na entrada do restaurante, Beth viu um casal de indianos sorrindo para eles.

— *Namaste* — disse e uniu as mãos na vertical, abaixo do queixo.

— Olá — disse o indiano. Rapidamente estendeu a mão e sacudiu a de Audie. — Eu sou Rupesh... podem me chamar de Bill. Esta é Deena. Parece que está cheio hoje.

A moça indiana junto à porta falou:

— Muito cheio. Infelizmente, estamos com uma espera. A não ser que os senhores queiram dividir uma mesa.

Audie sorriu para a moça. O crachá preso em seu sári amarelo e branco dizia *Anna*. Ela era uma graça — ele já a vira no spa usando o pijama branco que era o uniforme dos massagistas.

— Nós não nos importamos — disse o indiano.

— Se não for incômodo — comentou Beth.

— Eu poderia acomodar os senhores mais rápido caso sentassem juntos — disse a moça indiana chamada Anna.

Audie tentou cruzar olhares com a mulher para dizer “vamos esperar” — comer na companhia de desconhecidos prejudicava sua digestão —, mas ela já havia concordado. Ele detestava dividir. Detestava o conceito, a palavra em si; havia passado a vida inteira correndo atrás de sua própria porção individual do mundo.

Minutos depois de se sentarem, o indiano (Bill?) já tinha contado que morava em Chevy Chase, Maryland; que tinha uma empresa de *leasing* de máquinas de venda automática (“bebidas em garrafa, em lata, água mineral”) e que as suas projeções orçamentárias nunca haviam sido melhores; que tinha quatro mil metros quadrados de espaço em armazém e uma casa grande; que o pai idoso vivia com eles, e que tinham dois filhos, um dos quais estudava na Georgetown, um rapaz, economista, e uma filha, formada pela Johns Hopkins, hoje analista de ações da Goldman Sachs, que ganhava muito bem a vida e adorava o trabalho que fazia. Era seu segundo dia em Agni. Tinham parentes em Dehra Dun e, dali a mais um dia, iriam voltar para Delhi

e se preparar para o vôo direto até Newark, uma rota nova, muito melhor do que ter de fazer escala em Frankfurt ou Londres.

— Este lugar é muito espiritual — disse Bill depois de uma pausa constrangedora, já que não tinha recebido nenhuma resposta de Audie.

Audie sorriu. Como era possível as pessoas falarem tanto a ponto de esquecer quem as estava escutando? Mas ficou aliviado; não queria dar informações sobre si mesmo. Não queria mentir para ninguém e sabia que, caso alguém lhe fizesse uma pergunta direta, daria uma resposta vaga ou ambígua. Gente falstrona tornava muito fácil para ele ser anônimo.

— O que você faz da vida? — perguntavam-lhe às vezes.

— Uma porção de coisas — respondia ele. — Tenho uma porção de empresas. Estou envolvido em algumas novas iniciativas e redesenhos de marcas. Nosso ramo são equipamentos para casa. Utensílios de longa duração. Eletrodomésticos. Trabalhávamos muito com vendas pelo correio, um catálogo de produtos de estoque, mas hoje em dia é quase tudo on-line.

A indiana perguntou:

— Onde vocês moram?

— Pergunta difícil — disse Audie. — Nesta época do ano, em geral estamos na nossa casa na Flórida. Temos um apartamento em Nova York. Passamos quase todos os verões no Maine. Temos um chalé em um condomínio em Vermont, para esquiar. É só escolher.

Mas a mulher não o estava escutando. Estava discorrendo sobre a filha, que morava em Nova York, já tinha vinte e sete anos e estava demorando um pouco para se casar. Eles — a mãe e o pai — tinham ido à Índia para conhecer os pais de um rapaz que esperavam ser um marido adequado. O rapaz estava morando em Rochester, no estado de Nova York, onde lecionava engenharia.

— Um casamento arranjado — disse ela. — É o melhor jeito.

Ela parecia vibrar, com uma atitude de desafio, esperando Audie questionar sua defesa do costume dos casamentos arranjados. Ele estava gostando de vê-la louvar exageradamente os méritos dessa prática.

— Meu casamento com Rupesh foi arranjado por nossos pais. Os americanos acham isso tão engraçado. — Soltou um

gritinho e sacudiu a cabeça. — Eu não sabia o nome dele. Só conhecia o seu mapa astral. Ele era praticamente um estranho para mim. Já estamos juntos há quase trinta anos!

Ao mesmo tempo que insistia no fato de aprovar o costume dos casamentos arranjados, ela também estava se apresentando como uma velharia, quando não um ser estranho, e queria que a elogiassem por isso. Vivia nos Estados Unidos; já havia chocado seus amigos americanos com aquele tipo de conversa e estava desafiando Audie a ficar chocado. Mas Audie decidiu desafiá-la de volta lançando-lhe um sorriso.

— Beth também era uma estranha para mim quando nos conhecemos — disse ele. — Eu a catei em um bar.

Entreouviu o indiano — Bill? Rupesh? — dizendo “estava definhando” e “sua própria urina” e deixou de dar atenção à sua desapontada mulher.

— Meu pai — disse o homem, satisfeito por ter mais um ouvinte. — Estava internado no CTI do Georgetown Medical Center. Disseram que não podiam fazer mais nada para tratar sua doença, que era um câncer incurável do pâncreas. “Ele vai ficar mais confortável em casa.” Estavam abandonando meu pai, não tenham dúvida. Ele estava definhando. Como último recurso, consultou um iogue. O iogue prescreveu a terapia da urina. Meu pai foi instruído a beber um copo da própria urina todo dia de manhã, em jejum. Fez isso. Uma semana depois, estava mais forte. Recuperou o apetite. A fome voltou. A sede voltou. Na segunda semana, meu Deus, começou a recuperar peso. A pele estava melhor, a mente alerta. Na terceira semana, estava andando um pouquinho. Tinha equilíbrio. Dois meses disso, bebendo urina, e o corpo se limpou. O médico disse: “É um milagre.”

Tinha isso também: em um minuto estavam falando em projeções orçamentárias e análises de mercado e, no minuto seguinte, eram horóscopos, casamentos arranjados e a maravilha de se beber o próprio xixi.

— Vou dizer uma coisa a vocês, a Índia está no auge — disse o homem quando o Sr. Blunden não esboçou reação. — Não há como parar este país. Bangalore é o próximo Vale do Silício. Inovação!

— Foi o que ouvi dizer — comentou Audie —, mas tudo que vejo na Índia... — e ele sorriu para o casal — ... tudo que vejo na Índia é gente reinventando a roda.

Logo depois disso, o casal sorriu, disse que fora um prazer conhecê-los e pediu licença; e foi só então que o Sr. Blunden prestou atenção neles, porque não conseguiu saber pelo seu comportamento se estavam ofendidos e haviam se retirado abruptamente ou se na verdade estavam falando sério. Era um tipo de inescrutabilidade que ainda não havia associado a indianos. Ficou impressionado.

— Ele parecia simpático — disse Beth.

— “Simpático” não parece a palavra certa para indianos — disse Audie. — É meio sem sal demais. Exuberante, bizarro, piegas, falastrão, insistente, inconveniente, esquivo, dissimulado, religioso... estou pensando que essas, sim, são palavras indianas. Aquela conversa sobre beber número um... já ouviu alguma coisa parecida?

— Eu não estava escutando. Achei ele bonito. O seu problema é justamente esse: você fica esperando eles dizerem coisa com coisa.

— E você, faz o quê?

— Fico olhando eles falarem. Sem escutar. Você reparou que ele tinha uns olhos lindos?

Haviam se levantado e estavam saindo da mesa quando ouviram um “Olá” incisivo. Um indiano estava fazendo uma mesura, outro que se havia materializado ao seu lado. Segurava uma prancheta.

— Doutor — disse Beth. Havia esquecido o nome do médico, mas ele também usava um crachá do Agni, onde se lia *Nagaraj*. — Doutor Nagaraj.

Ele dissera que os encontraria para jantar, e eles haviam se esquecido de ter prometido encontrá-lo. Mas ele não se perturbou, dizendo “não se preocupem” quando se desculparam, e mais uma vez Audie sorriu diante da própria incapacidade de ler o humor daquele homem — de saber se ele se importava com o fato de terem-no esquecido.

— Nós já jantamos — disse Audie, vendo a garçonete se aproximar, e percebeu que era a mesma moça que os havia acompanhado até a mesa, Anna. Segurava três cardápios na mão e postou-se ao lado da mesa com um ar sereno, paciente, atencioso. Tinha um rosto pálido, redondo, asiático, parecido com o de uma boneca, e usava os cabelos presos em um coque e muito

esticados, o que fazia suas orelhas saltarem. Era baixa e sorria depressa quando sorriam para ela.

— Esse nome é apelido de algum outro... talvez Annapurna?

— Não, senhor. Mãe de Maria. Sou cristã, senhor.

— Veja só.

— Anna Hunphunwoshi, senhor. De Nagalândia, senhor. Kohima, senhor. Muito longe, senhor.

— Já vi você no spa.

— Também faço tratamentos durante o dia, senhor.

— Vai jantar, doutor? — perguntou Audie.

— Não, obrigado. Não como nada depois das seis da tarde. — Ele se dirigiu a Anna. — Vou querer um *lassi* salgado.

— Deveríamos seguir o seu exemplo — disse Beth.

— Como quiserem.

— Traga três, Anna, por favor.

— Obrigada, senhor. — Ela se afastou em silêncio, apertando na mão os três cardápios.

— Onde o senhor disse que estudou medicina, mesmo?

— perguntou Audie ao médico.

— No Instituto Aiurvédico de Mangalore.

— Isso quer dizer que é médico?

— Sim, médico aiurvédico.

— Pode praticar fora da Índia?

— Onde a medicina aiurvédica for permitida, sim, posso praticar a *aiurveda* sem problemas — respondeu o Dr. Nagaraj.

— Posso ver a sua mão direita, senhor? — E, quando Audie pôs a mãozinha na mão cálida e delicada do médico, este disse “Relaxe”, examinou a mão e fez algumas anotações na prancheta.

— Essa caligrafia indiana parece roupa pendurada em um varal para secar — disse Audie.

O médico, entretido com a palma da mão de Audie, não disse nada. E, mesmo quando a garçonete voltou com três jarrinhas de *lassi*, continuou a estudar aquela grande mão espalmada. Fez outras anotações e, deixando Audie desconcertado, escreveu uma série de números, acrescentou outros números a eles, subtraiu, multiplicou, obteve um total, em seguida dividiu-o e sublinhou o resultado. Ainda segurando a mão de Audie, o médico ergueu os olhos e não sorriu.

— O senhor teve uma vida difícil até os trinta e cinco anos — disse o Dr. Nagaraj. — Preparou o terreno, por assim dizer. Depois colheu os frutos. Pode ser útil para um político agora, mas procure evitar. Os próximos dez anos são muito bons para o seu nome e a sua fama. Senhora?

Ofereceu a mão a Beth, e esta pousou a sua sobre a dele, com a palma para cima.

— Esses números... — disse Beth.

— Datas boas, datas ruins, fases arriscadas.

— Quanto tempo vou viver? — perguntou Beth.

— Até os oitenta e cinco anos, se tudo correr bem — disse o médico sem hesitação. Voltou a examinar a palma de Beth e a tomar notas.

— Não quero saber quanto tempo vou viver — disse Beth. — Me dê boas notícias, só isso.

— Infância feliz, mas a senhora mesma não tem filhos — disse o médico. — Saúde excelente nos próximos dez anos. Nunca confie cegamente em ninguém, especialmente em quem a elogiar. Siga a intuição. Invista em imóveis. Evite multidões, fumaça, poeira. — O médico estava se esforçando, parecendo traduzir de uma língua difícil que estivesse lendo na palma da mão da Sra. Blunden. — Evite perfumes. Nada de litígios.

Quando o médico se retesou, exibindo os dentes, Beth disse “chega”, ergueu a mão e segurou-a. Audie olhou para a mulher de relance e concluiu que ela também estava se perguntando se o Dr. Nagaraj era um charlatão. Mas não era nisso que ela estava pensando.

Talvez o Dr. Nagaraj tenha suspeitado dessa dúvida, embora parecesse estar novamente calmo. Deu um gole em seu *lassi*, aquiesceu, bateu na prancheta.

— Levei meu amigo Sanjeev ao Parque Nacional Rajaji para ver os elefantes selvagens. São a minha paixão. Não viram a coleção de Ganeshas no meu escritório?

— Eu me lembro — disse Beth. — As estatuetas de elefantes nas prateleiras.

— Isso mesmo. — O médico tomou mais um gole. — Em Rajaji, encontramos uma grande manada de elefantes. Não são como os elefantes domesticados usados para trabalhar, são de uma espécie diferente. Eles nos viram. Estávamos perto da

margem do rio. Conhecem a expressão “Nunca fique entre um elefante e a água”?

— Não — disse Beth.

— Acho que agora conheço — disse Audie.

— Os elefantes ficam enfurecidos. Vi o elefante macho avançar e corri para me esconder entre as árvores. Sanjeev estava atrás de mim, imobilizado, aterrorizado demais para se mexer.

Enquanto ele falava, a garçonete voltou, parou junto à sua mesa e então perguntou se poderia lhes servir mais alguma coisa.

— Por enquanto, não — disse Audie.

Quando ela se afastou, o Dr. Nagaraj continuou:

— Fiquei olhando horrorizado enquanto o imenso animal partia para cima de Sanjeev, seguido pela manada de elefantes menores, levantando uma poeira tremenda. Ao ver aquilo, Sanjeev abaixou a cabeça e se ajoelhou, sabendo que iria morrer. Não podia correr, não podia nadar. Mas fez uma postura de ioga: *bidalasana*, a postura do gato, de alguma forma instintiva.

Flexionando os dedos em um gesto teatral, o Dr. Nagaraj alisou o jogo americano à sua frente, ajeitou o descanso sob seu copo, em seguida abaixou a cabeça e sugou o canudo do *lassi*.

— E o que aconteceu? — perguntou Audie.

O Dr. Nagaraj ficou vago, seu rosto perdeu a expressão por um instante, e então ele disse:

— Ah, sim — como se estivesse fingindo se lembrar.

— O imenso elefante macho abaixou a cabeça como se fosse atacar. Porém, em vez de empalar Sanjeev com as presas, como eu esperava, o elefante se ajoelhou, prendendo Sanjeev entre as duas imensas presas. Não para matá-lo, nada disso. Pude ver que era para evitar que os outros elefantes o pisoteassem.

Parecia prestes a dizer alguma outra coisa quando Beth disse que estava exausta, que iria ficar maluca se não dormisse um pouco.

— Eu chamaria isso de mais um milagre — disse Beth Blunden enquanto o casal caminhava rumo à sua suíte sob o céu estrelado.